

ANNO DE 1738. N.º 48

# O CARAPUCEIRO.

RIODICO SEMPRE MORAL. E SOPERACCIDENS POLICITO

*unc servare modum nostri novere libellum  
arcere personis, dicere de vitiis.*

Marcial LIV. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

lhados, quebrantos, malefícios.  
a ta de assumptos, serios. meus  
peitaveis Freguezes pagão se muito  
assumptos chistosos: cumpre-me  
er-lhes o gosto, tornando aos vastos  
minios da jocosidade, a qual, quando  
propósito, he a mais convinível pa-  
para curar os nossos vicios ridi-  
culos. *Ridendo castigat mores* era a  
grande receita do bom velho Horacio,  
picante Juvenal, de Luciano, Mar-  
cial, e outros Poetas, e Philosophos,  
e assentárão ser os homens pela mór  
parte mais dignos de riso, que de odio;  
quanto a mim tinha rasão os maganões.  
Quem toma em grosso as cousas  
este mundo, quem se torna birrento  
em os males da sociedade toca muito  
misanthropo, anda sempre aborrido,  
adquire o humor agastado de Timão  
atheniense, e a ser querente, devéra  
logo enforcar-se para fíear quite dos  
prazeres da vida, e até para dar figas a  
os seus inimigos. Muitos Inglezes dão  
este expediente, que lhes faça mu-  
o proveito. Parece, que em Lon-  
e ordinario o ver hum sujeito pe-

dir a seu vizinho a sua cordinha em-  
prestada para se enforcar, e tão desen-  
fadadamente, como entre nós huma vi-  
zinha pede a outra o seu espeto para as-  
sar huma linguça: e o mais he: que  
não faltão na Republica das Letras esti-  
radas Dissertações apologeticas do Suici-  
dio! *Trahit sua quemque voluptas*:  
cada qual deixa-se levar do seu gosto:  
mas declaro, que o meu nesta parte  
discrepa muito do bom gosto Britanico.

Vamos aos olhados, aos quebrantos,  
e malefícios. Muita gente está persua-  
dida, que há olhos tão maus, que basta  
fitarem-se em qual quer cousa para lhe  
causarem o maior damno. Tem D. Bri-  
olanja hum menino mui lindo, mui ne-  
dio, e liso, e que por suas graciinhas he  
o assumpto de incessantes historietas:  
succede adoeecer o menino de hum dia  
para outro: não lhe atinão com a causa  
da molestia: eis logo a mãe, a avó, as  
tias, a ama, e as comadres, que em tom  
de Junta Medica decidem, que a cria-  
ça não tem outra cousa, se não hum  
terrivel olhado, que lhe pespegou hum  
velha, huma prafiticataeira, &c. &c.

em consequencia deste *sabio* accordo cuidão logo de lhe explicar os remedios mui approvados para quebranto, que vem a ser; defumadores de cascas d'alhos, de rasas de chifre, e sobre tudo de palhinhas, e lixo de encanilhada, que he remedio sancto para toda a laia de maleficio, e arte diabolica. Nos nossos matos a receita mais prompta, e efficaz he benzer o doente com huma ceroula tirada do corpo d'alguem marmão, e applicada no mesmo instante; e anatulo há tão emmlementemente habbaque, que refere com ufania as innumereaveis curas, que hão feito as suas noventas ceroulas.

Tambem aproveita muito o defumador de cupim, e de pennas de galinha, com tanto, que seja preta; por que sendo de outra qual quer cor, já não tem virtude: e na occasião de applicar a fumaca he indispensavel a seguinte *mui* *prazerosa* Oração --- *Nossa Sara, defumem a meu bento Filho para cheirar: eu defumo o meu para sarar*; e isto deve repetir-se trez vezes; por que o numero trez he symbolico, e mysterioso. Se hum velha tem em seu quintal hum pimenteira, hum pezinho de arruda, de alecrim, &c., e alguem lh'os vê, e tendo os gabado de lindos, e viçosos, succede murcharem, e morrerem; quem lhe tirará dos cascos, que foi por effeito d'aquelles olhos invejosos, e maus? D'aqui vem o *acertado* uso de pôr figas de chifre em craveiros, em crianças, ou em qual quer coisa, que se estima; por que d' quantos antidotos se conhecem para quebrantos, e olhados, nenhum há de tanta virtude, como as figas, e mais se são de chifres; que tem este muitas applicações na grande arte dos maleficios: por isso quando alguma mãe tem de mandar fóra o seu menino, logo a advertem, que não vá sem levar figas no cinto para evitar os maus olhos, e ás vezes he o fedelhinho tão feio, tão sarnoso, e magro, que ninguem há, que possa ter inveja de semelhante les-

ma: mas não são sem as figas, por causa do quebranto!

Não fuitão Senhoritas com presumpções de formosas, que muito se arreioção dos maus olhos. D. *Sentimentalina* adoece de hum inflamação intestinal, ou do ligado, do bofe, &c.; por que até todo o dia comprimida nas talas de hum apertadissimo espartilho; a molestia reziste a reiteradas applicações de bixas, ao uso quotidiano das herbagens antiphlogisticas; por que a Menina já não pode com tanta dieta, já está enfastiada de tanta canja, de leite com agua, &c. e lá come hum vez por outra o seu naco de carne de porco, a sua frigideirinha de camarões, &c.: progride a enfermidade, como he natural; e como os proprios Medicos, ignorando quasi sempre os desmanchos da enfermidade, não sabem mais, que remedio lhe applicuem; entra logo na familia a desconfiança da influencia sobre-natural: e sendo rarissima a casa, onde não vá hum parteira, huma comadre curandeira, huma ama de Menina, &c. &c., qual quer destas doctoras, e grandes Physiologas decide categoricamente, que larguem já remedios de botica; e referindo mil casos idênticos, que sempre traz de assento, e não, conclue com *pasmoso acerto*, que tudo quanto padece a doentinha, não he outra coisa mais, do que hum tremenlissimo quebranto. Não cáhem estas palavras em sacco roto a D. *Sentimentalina*; por que por testemunho irrefragavel do seu espelho está mais que muito convencida da sua não vulgar belleza, e eis a boa da Moça encasquetada de que alguem com seus olhos maus lhe deitára quebranto: he de advertir porém, que tal quebranto nunca ella atribue a certo francatripa, que a requesta continuamente; que se não tira de defronte da casa, que está como grudado na loja, na botica, ou botequim, e que nem por hum segundo desvia os olhos da con-



ção d'aquella deidade, que por isso tam-  
bem está fixa, e de corpo presente na  
varanda. Tal quebranto nunca vem do  
devoto adorador; vem sim d'hum ve-  
lha, ou d'hum velho, que casualmente  
pega os olhos. E qual será o remedio  
desta pobre doentinha? Sugerir-se-ha  
aos defumadores de cascas d'alho, de  
pennas de galinha preta, e de lixo de  
encruzilhada quem vive rescendendo a-  
romas d'alfazema, de macasá, flor de  
laranja, &c. &c.? Não he de crer. O  
remedio proprio, o especifico de que-  
branto de D. Sentimentalina he a appli-  
cação de trez banhos de Igreja. Oh!  
que grande remedio para olhados, e pa-  
ra toda a casta de malefícios! Em ellas  
tomando, sessão todas as molestias, e  
não há olhos, por mais maus, que se-  
jão, que lhes possam dar quebranto. He  
este o grande Le Roy das Moças, he o  
pancresto mais proveitoso, he a medi-  
cina das medicinas. he o receitu-  
ario, que nunca lhes desagrada, e para  
o qual nunca sentem fastio. E não  
me cá dizer, que o Carapuceiro mentel!

A causa deste, e d'outros muitos pre-  
juizos nasce de hum sofisma muito ordi-  
nario, que vem a ser; tomar por causa  
qualquer cousa, que precede a outra,  
sem ser conhecido nas Escolas pela de-  
nominação de *Post hoc, ergo propter  
hoc*; e este sofisma constitue hum  
grande parte da Logica vulgar. Sempre  
que qual quer phenomeno apparece depo-  
is de tal cousa, nada mais indaga-se: essa  
cousa foi, que o produziu, como hum  
effeito he produzido pela sua causa: e  
infundamentados são estes raciocini-  
os. Como se se dissesse, que o dia, por  
ex., he causa da noite, ou *vice versa*;  
por que hum precede ao outro, ou lhe  
succede. Todos estamos convencidos,  
que não há effeito sem causa: mas  
quem há hi, que possa dizer com cer-  
teza, qual seja precisamente a causa  
de tal, ou d'aquelle phenomeno da natu-  
reza. Que Philosopho, ainda que seja  
hum Platon, hum Aristoteles, hum Des-

cartes, hum Bacon, hum Newton, po-  
derá afirmar, que esta, e não outra he a  
causa deste, ou d'aquelle effeito?

A gente do vulgacho não está por es-  
tas razões: o seu raciocinio não se ex-  
tende a mais, do que a olhar para o que  
precede a qual quer phenomeno, e con-  
sidera logo a este, como effeito d'aquel-  
le. O menino estava bem, risinho, e  
espertinho até hontem, em que lhe pegou  
os olhos a Sara. Anica, &c.: hoje ap-  
parece o menino languido, aborrido, e  
doente; e como a verdadeira causa des-  
te phenomeno he quasi sempre desconhe-  
cida até dos proprios Medicos; não há  
mais, que parafulzar; a causa unica, e  
verdadeira foi o olhado d'aquella bru-  
xa! Este sofisma produz outros inume-  
raveis prejuizos, que alias tem grande  
poder nas pessoas indoutas. A mór par-  
te das milagres, attribuidos a este, ou  
aquelle Sancto, não tem outro funda-  
mento. Sofre Pedro huma Sessão in-  
terminante: depois do uso de varios me-  
dicamentos, recorre, por ex., a Santo A-  
maro: e se depois disto sara ou por vir-  
tude dos mesmos medicamentos, ou por  
hum crise proveniente das forças natu-  
raes, ou por outra causa desconhecida;  
attribue logo a milagre. Bem longe es-  
tou de negar a possibilidade dos mila-  
gres, e de reconhecer por verdadeiros  
os que nos referem por taes as Sagradas  
Letras; mas duvido muito, que o sejam  
quantos por taes apregoão as pessoas da  
plebe ignorante, e isto não só por que  
a Theologia me ensina, que os milagres  
ou são *quoad substantiam*, ou *quoad  
modum*, como por que sendo o milagre  
hum graça de Deos, e esta muito espe-  
cial, e extraordinaria, não a pode ob-  
ter, se não aquelle, que estiver em esta-  
do de graça; que tal he a doutrina de  
Sancto Agostinho, e de toda a Igreja.

Mas será possivel desarteigar do Povo  
taes prejuizos? Eu entendo, que não:  
por que para isso fora mister, que a  
Philosophia se extendesse a todos; e Po-  
vo philosopho foi cousa, que nunca se

vis, e estou em afirmar, que nunca se verá. Fiquem pois com os seus olhos, e quebrantos, as Moças curem-se delles com os banhos da Igreja, com tanto que todos temamos a Deos, e observemos os preceitos da Religião, e as Leis do Estado. Só não há olhado, e quebranto para os monopolistas da carne, e da farinha!

## Charada.

Dou do que n'alma se passa ) 2 syllabas  
 Espelho, que nunca mente, )  
 E sou fructa brasileira ) 3 syllabas  
 D'hum agro doce excellente )  
 Porém se juntar-me querem,  
 E fazer-me outro composto,  
 Já não sou fructa, ou espelho,  
 Sim hum peixe de bom gosto.

## Anecdota verdadeira.

Pelo tempo do Natal em certo lugar, em que se costuma passar a Festa, não se variava familias á noite, e divertião-se com toques, danças, cantorias, e jogos de prendas. A hum destes jogos assistia; e nelles entrava hum certo pascaio, que pretendia galantear a hum das Meninas da companhia, Menina mui viva, e espirituosa. Chegada a occasião de sentenciar as prendas, coube ao pobre Macembro o dar a sua sentença: e quando a pessoa, que guardava as prendas, lhe perguntou o que faria o domno, ou domna desta prenda; sahio-se o engraçado com este bom acerto --- Se for homem comerá capim, pendo-se de 4 pés ahí na campina: e se for Senhora, irá para a porta da rua, e trez vezes berrará de mosquito. Fundio-se a casa com risadas, e muito mais quando se viu, que a prenda era do proprio basbaque, que teve de se pôr de 4 pés, &c.

Remedio para não nascer barba, com o qual se poupão boas patacas com barbeiros, navalhas, pedras, massas, &c. &c.

## SONETO.

Quem tiver filho imberbe, e que pretenda  
 Embargar, que no rosto o pelo nasça,  
 Eu lh'ensino hum gir, hum t apassa,  
 Com que de tal pensão livre, e delenda.

Porém não quero, que o Barbeiro entenda  
 Quem os ganhos d'officio lh'embaraça,  
 Fazendo, qu'eile quebre na Praça.  
 Venda navalhas, e que feche a tenda.

Mas se no caso me goardar segredo,  
 Dando-me hum tanto da receita minha,  
 Do Barbeiro leroz fico sem medo.

Não faz cair cabelo, como a tinha;  
 E basta, qu'en, pequeno empregue hum dede  
 Rapaz imprime em apalpar galinha.

( M. C. d'A. )

Banhos de M... para hum noivo, que p'antava dentes d'alho em Vesperas de S. João.

## SONETO.

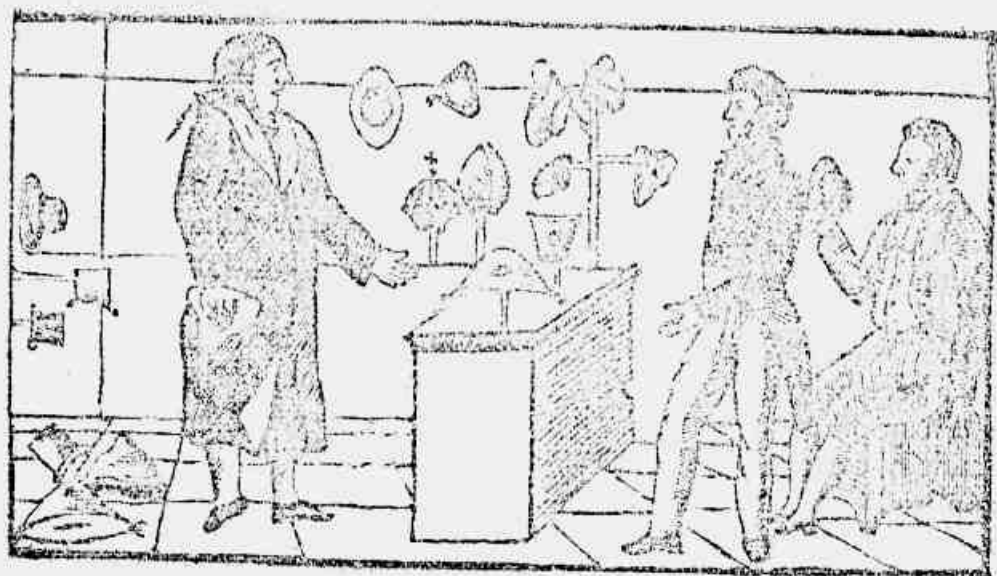
Se existisse mulher, que não ralhasse,  
 E fizesse somente o qu'eu quizesse,  
 Que perfeições, e prendas mil tivesse,  
 E que prudente accetos só fallasse:

Que ue quanto he virtude se adornasse,  
 Sem qu'hum erro inda leve cometesse,  
 Do meu systema quando m'esquecesse,  
 Pode ser, qu'humas destas me tentasse.

Mas faltando hum artigo, não a aceito,  
 Sendo ella mina d'ouro; que a tal fardo,  
 Que peza contra mim, não me sujeito.

Para a que não existe só me aguardo;  
 E se não há mulher sem ter defeito,  
 Quem fallar-me em casar, respondo, hum  
 (dardo)

Pern: na Typ: de M. F. de Far a 1835.



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL. E SO' PER ACCIDENS POLICITO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli  
Parcere personis, dicere de vitiis.  
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*Olhados, quebrantos, e maleficios.*

Ba ta de assumptos, serios. Os meus respeitaveis Freguezes pagão se muito dos assumptos chistosos : cumpre-me fazer-lhes o gosto, tornando aos vastos dominios da jocosidade, a qual, quando a proposito, he a mais convinavel panacéa para curar os nossos vicios ridiculos. *Ridendo castigat mores* era a grande receita do bom velho Horacio, do picante Juvenal, de Luciano, Marcial, e outros Poetas, e Philosophos, que assentárão ser os homens pela mór parte mais dignos de riso, que de odio; e quanto a mim tinha rasão os maganões. Quem toma em grosso as cousas deste mundo, quem se torna birrento com os males da sociedade toca muito de misantropo, anda sempre aborrido, adquire o humor agastadiço de Timão Atheniense, e a ser querente, deverá logo enforcar-se para ficar quite dos prazeres da vida, e até para dar figas a os seus inimigos. Muitos Inglezes dão para este expediente, que lhes faça muito bom proveito. Parece, que em Londres he ordinario o ver hum snjeito pe-

dir a seu vizinho a sua cordinha emprestada para se enforcar, e tão desenfadadamente, como entre nós huma vizinha pede a outra o seu espeto para assar huma linguica : e o mais he ; que não faltão na Republica das Letras estimadas Dissertações apologeticas do Suicidio ! *Trahit sua quemque voluptas* : cada qual deixa-se levar do seu gosto : mas declaro, que o meu nesta parte discrepa muito do bom gosto Britanico.

Vamos aos olhados, aos quebrantos, e maleficios. Muita gente está persuadida, que há olhos tão maus, que basta fitarem-se em qual quer cousa para lhe causarem o maior damno. Tem D. Briolanja hum menino mui lindo, mui nedio, e liso, e que por suas gracinhas he o assumpto de incessantes historietas : succede adoecer o menino de hum dia para outro : não lhe atinão com a causa da molestia : eis logo a mãe, a avó, as tias, a ama, e as comadres, que em tom de Junta Medica decidem, que a criança não tem outra cousa, se não hum terrivel *olhado*, que lhe pespegou huma velha, huma priciticetaeira, &c. &c. :



em consequencia deste *sabio* accordo cuidão logo de lhe explicar os remedios mui approvados para quebranto, que vem a ser; defumadores de cascas d'alhos, de raspas de chifre, e sobre tudo de palhinhas, e lixo de encuzilhada, que he remedio sancto para toda a laiz de maleficio, e arte diabolica. Nos nossos matos a receita mais prompta, e efficaç he benzer o doente com hum azeitão tirada do corpo d'algun marmanjo, e applicada no mesmo instante; e matuto há tão emminantemente babaque, que refere com ufania as innumeraveis curas, que hão feito as suas nojentas ceroulas.

Tambem aproveita muito o defumador de cupim, e de pennas de galinha, com tanto, que seja preta; por que sendo de outra qual quer côr, já não tem virtude: e na occasião de applicar a fumaça he indispensavel a seguinte *mui piedosa Oração* --- *Nossa Snra. defumou a seu bento Filho para cheirar: eu defumo o meu para sarar*: e isto deve repetir-se trez vezes; por que o numero trez he symbolico, e mysterioso. Se hum velha tem em seu quintal hum pimenteira, hum pezinho de arruda, de alecrim, &c., e alguem lh'os vê, e tendo-os gabado de lindos, e viçosos, succede murcharem, e morrerem; quem lhe tirará dos cascos, que foi por effeito d'aquelles olhos invejosos, e maus? D'aqui vem o *acertado* uso de pôr figas de chifre em craveiros, em crianças, ou em qual quer cousa, que se estima; por que de quantos antidotos se conhecem para quebrantos, e olhados, nenhum há de tanta virtude, como as figas, e mais se são de chifres; que tem este muitas applicações na grande arte dos maleficios: por isso quando alguma mãi tem de mandar fóra o seu menino, logo a advertem, que não vá sem levar figas no cinteiro para evitar os maus olhos, e ás vezes he o fedelhinho tão feio, tão sarnoso, e magro, que ninguem há, que possa ter inveja de semelhante les-

ma: mas não sáe sem as figas, por causa do quebranto!

Não faltão Senhoritas com presumpções de formosas, que muito se arreccião dos maus olhos. D. *Sentimentalina* adoece de hum inflamação intestinal, ou do figado, do bofe, &c.; por que anda todo o dia comprimida nas talas de hum apertadissimo espartilho: a molestia reziste a reiteradas applicações de bixas, ao uso quotidiano das bebetagens antiphlogisticas; por que a Menina já não pode com tanta dieta, já está enfasiada de tanta canja, de leite com agua, &c. e lá come hum vez por outra o seu naco de carne de porco, a sua frigideirinha de camarões, &c.: progride a enfermidade, como he natural; e como os proprios Medicos, ignorando quasi sempre os desmanchos da enferma, não sabem mais, que remedio lhe applicuem; entra logo na familia a desconfiança de influencia sobre-natural; e sendo rarissima a casa, onde não vá hum parteira, hum comadre curandeira, hum ama de Menina, &c. &c., qual quer destas doctoras, e grandes Phisiologistas decide cathegoricamente, que larguem já remedios de botica; e referindo mil casos identicos, que sempre traz de assento, e sobre-mão, conclue com *pasmoso acerto*, que tudo quanto padece a doentinha, não he outra cousa mais, do que hum tremenlissimo quebranto. Não cáhem estas palavras em sacco roto a D. *Sentimentalina*; por que por testemunho irrefragavel do seu espelho está mais que muito convencida da sua não vulgar belleza, e eis a boa da Moça bem encasquelada de que alguem com seus olhos maus lhe deitára quebranto: he de advertir porém, que tal quebranto nunca ella atribue a certo francatripa, que a requesta continuamente; que se não tira de defronte da casa, que está como grudado na loja, na botica, ou botequim, e que nem por hum minuto segundo desvia os olhos da contempla-

ção d'aquella deidade, que por isso tam-  
bém está fixa, e de corpo presente na  
varanda. Tal quebranto nunca vem do  
devoto adorador; vem sim d'hum ve-  
lha, ou d'hum velho, que casualmente  
lhe poz os olhos. E qual será o remedio  
desta pobre doentinha? Sugerir-se-há  
aos delumadores de cascos d'alhos, de  
pennas de galinha preta, e de lixo de  
encruzilhada quem vive resacando a-  
romas d'alfozema, de macas-á, flor de  
laranja, &c. &c.? Não he de crer. O  
remedio proprio, o especifico de que-  
branto de D. Sentimentalina he a appli-  
cação de trez banhos de Igreja. Oh!  
que grande remedio para olhados, e pa-  
ra toda a casta de maleficios! Em ellas  
o tomando, sessão todas as molestias, e  
não há olhos, por mais maus, que se  
vão, que lhes possam dar quebranto. He  
este o grande Le Roy das Moças, he o  
pancresto mais proveitoso, he a medi-  
cina das medicinas, he o unico receitu-  
ario, que nunca lhes desagrada, e para  
o qual nunca sentem fastio. E venhão-  
me cá dizer, que o Carapuceiro mente!

A causa deste, e d'outros muitos pre-  
juizos nasce de hum sofisma muito ordi-  
nario, que vem a ser; tomar por causa  
qual quer cousa, que precede a outra,  
sofisma conhecido nas Escolas pela de-  
nominação de *Post hoc, ergo propter  
hoc*: e este sofisma constitue huma  
grande parte da Logica vulgar. Sempre  
que qual quer phenomeno apparece depo-  
is de tal cousa, nada mais indagação: essa  
cousa foi, que o produziu, como hum  
effeito he produzido pela sua causa: e  
tão infundamentados são estes raciocini-  
os, como se se dissesse, que o dia, por  
ex., he causa da noite, ou *vice versa*;  
por que hum precede ao outro, ou lhe  
succede. Todos estamos convencidos,  
que não há effeito sem causa: mas  
quem há hi, que possa dizer com cer-  
teza, qual seja precisamente a causa  
deste, ou d'aquelle phenomeno da natu-  
reza? Que Philosopho, ainda que seja  
hum Platão, hum Aristoteles, hum Des-

cartes, hum Bacon, hum Newton, po-  
derá afirmar, que esta, e não outra he a  
causa deste, ou d'aquelle effeito?

A gente do vulgacho não está por es-  
tas razões: o seu raciocinio não se ex-  
tende a mais, do que a olhar para o que  
precede a qual quer phenomeno, e con-  
sidera logo a este, como effeito d'aquel-  
le. O menino estava bem, risinho, e  
espertinho até hontem, em que lhe poz  
os olhos a Sava. Anica, &c.: hoje ap-  
parece o menino languido, aborrido, e  
doente; e como a verdadeira causa des-  
te phenomeno he quasi sempre desconhe-  
cida até dos proprios Medicos; não há  
mais, que parafuzar; a causa unica, e  
verdadeira foi o olhado d'aquella bru-  
xa! Este sofisma produz outros inume-  
raveis prejuizos, que alias tem grande  
poder nas pessoas indoutas. A mór par-  
te das milagres, attribuidos a este, ou  
aquelle Sancto, não tem outro funda-  
mento. Sofre Pedro huma Sesão imper-  
tinentemente: depois do uso de varios medi-  
camentos, recorre, por ex., a Santo A-  
maro: e se depois disto sara ou por vir-  
tude dos mesmos medicamentos, ou por  
hum crise proveniente das forças natu-  
raes, ou por outra causa desconhecida;  
atribue logo a milagre. Bem longe es-  
tou de negar a possibilidade dos mila-  
gres, e de reconhecer por verdadeiros  
os que nos referem por taes as Sagradas  
Letras; mas duvido muito, que o sejam  
quantos por taes apregoão as pessoas da  
plebe ignorante, e isto não só por que  
a Theologia me ensina, que os milagres  
ou são *quoad substantiam*, ou *quoad  
modum*, como por que sendo o milagre  
hum graça de Deos, e esta muito espe-  
cial, e extraordinaria, não a pode ob-  
ter, se não aquelle, que estiver em esta-  
do de graça; que tal he a doutrina de  
Sancto Agostinho, e de toda a Igreja.

Mas será possivel desarreigar do Povo  
taes prejuizos? Eu entendo, que não;  
por que para isso fôra mister, que a sã  
Philosophia se extendesse a todos; e Po-  
vo philosopho foi cousa, que nunca se.

vio, e estou em afirmar, que nunca se verá. Fiquem pois com os seus olhados, e quebrantos, as Moças curem-se delles com os banhos da Igreja, com tanto que todos tenhamos a Deos, e observemos os preceitos da Religião, e as Leis do Estado. Só não há olhado, e quebranto para os monopolistas da carne, e da farinha!

#### Charada.

Sou do que n'alma se passa )  
 Espelho, que nunca mente, ) 2 syllabas  
 E sou fructa brasileira )  
 D'hum agro doce excellento ) 3 syllabas  
 Porém se juntar-me quereim,  
 E fazer-me outro composto,  
 Já não sou fructa, ou espelho,  
 Sim hum peixe de bom gosto.

#### Ancedota verdadeira.

Pelo tempo do Natal em certo lugar, em que se costuma passar a Festa, ajuntavão-se varias familias á noite, e divertião-se com toques, danças, cantorias, e jogos de prendas. A hum destes jogos assistia; e nelles entrava hum certo pascasio, que pretendia palantear a hum das Meninas da companhia, Menina mui viva, e espirituosa. Chegada a occasião de sentenciar as prendas, coube ao pobre Manembro o dar a sua sentença: e quando a pessoa, que guardava as prendas, lhe perguntou o que faria o domno, ou domna desta prenda; sahio-se o engraçado com este bom acerto --- Se for homem comerá capim, pondo-se de 4 pés ahí na campina: e se for Senhora, irá para a porta da rua, e trez vezes *berrará de mosquito*. Fundio-se a casa com risadas, e muito mais quando se vio, que a prenda era do proprio basbaque, que teve de se pôr de 4 pés, &c.

#### VARIEDADE.

Remedio para não nascer barba, com o qual se poupão boas patacas com barbeiros, navalhas, pedras, massas, &c. &c.

#### SONETO.

Quem tiver filho imberbe, e que pretenda  
 Embargar, que no rosto o pello nasça,  
 Eu lh'ensino hum a gira, hum a tapassa,  
 Com que de tal pensão livre, e defenda.

Porém não quero, que o Barbeiro entenda  
 Quem os ganhos d'officio lh'embrança,  
 Fazendo, qu'elle quebre na Praça.  
 Venda navalhas, e que feche a tenda.

Mas se no caso me goardar segredo,  
 Dando-me hum tanto da receita minha,  
 Do Barbeiro feroz fico sem medo.

Não faz cair cabelo, como a tinha;  
 E basta, qu'em pequeno empregue hum dedo  
 Rapaz implume em apalpar galinha.

(-Pr. M. C. d'A.)

Banhos de Matriz para hum noivo, que p'antavantes d'alho em Vesperas de S. João.

#### SONETO.

Se existisse mulher, que não ralhasse,  
 E fizesse somente o qu'en quizesse,  
 Que perfeições, e prendas mil tivesse,  
 E que prudente acertos só fallasse:

Que de quanto he virtude se adornasse,  
 Sem qu'hum erro inda leve cometesse,  
 Do meu systema quando m'esquecesse,  
 Pode ser, qu'huma destas me tentasse.

Mas faltando hum artigo, não a aceito,  
 Sendo ella mina d'ouro; que a tal fardo,  
 Que peza contra mim, não me sujeito.

Para a que não existe só me aguardo;  
 E se não há mulher sem ter defeito,  
 Quem fallar-me em casar, respondo: hum  
 (dardo.